

FACULDADE CATOLICA DE ANAPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA CLÍNICA

**A ESTREITA RELAÇÃO ENTRE SUBJETIVIDADE E RELATIVISMO
NA FILOSOFIA CLÍNICA**

ELLYAYNE EVELYN PEREIRA E SILVA LIRA

ANÁPOLIS

2013

ELLAYNE EVELYN PEREIRA E SILVA LIRA

**A ESTREITA RELAÇÃO ENTRE SUBJETIVIDADE E RELATIVISMO
EM FILOSOFIA CLÍNICA**

Artigo apresentado à coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de Especialista em Filosofia Clínica sob orientação do professor Lúcio Packter.

ANÁPOLIS

2013

2

ELLAYNE EVELYN PEREIRA E SILVA LIRA

A ESTREITA RELAÇÃO ENTRE SUBJETIVIDADE E RELATIVISMO EM
FILOSOFIA CLÍNICA

Monografia apresentado à coordenação do Curso de Especialização em Filosofia Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis-GO, 09 de Maio de 2013.

APROVADA EM: _____/_____/_____ NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Msc. Lúcio Packter

Orientadora

Prof.^a Msc. Marisa Roveda

Convidada

A Renê Lira
Em testemunho de admiração e amor.

Aos que amo

Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho, pois cada pessoa é única e nenhuma substitui outra. Cada um que passa em nossa vida passa sozinho, mas não vai só, nem nos deixa só: leva um pouco de nós mesmos, deixa um pouco de si mesmo. Há os que levam muito, mas não os que não levam nada; Há os que deixam muito, mas não há os que não deixam nada. Essa é a maior responsabilidade de nossa vida e prova Evidente de que, duas almas não se encontram ao acaso.

Ellayne Evelyn

“ Não sei se a vida é curta ou longa demais para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido se não tocarmos o coração das pessoas. Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida, é o que faz com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que seja intensa, verdadeira e pura enquanto durar”.

Cora Coralina

RESUMO

O objetivo do estudo é analisar a relevância do conceito de subjetividade dentro do trabalho da Filosofia Clínica, a luz do pensamento filosófico durante a história, principalmente, dos sofistas e a sua contribuição deixada a humanidade, que não foi devidamente valorizada pela cultura ocidental devido a más interpretações do seu pensamento. Nessa perspectiva, o estudo visa estabelecer uma fundamentação teórica para o trabalho clínico a partir do conceito de singularidade e individualidade, sem que estes conceitos se confundam com um relativismo e como consequência promova uma postura cética e solipsista. A partir desta fundamentação teórica conseguiremos estabelecer um referencial de análise terapêutico que valorize o indivíduo no seu contexto, compreendendo-o a partir de sua história, e não mais a partir de modelos pré- estabelecidos. Estabelecido este referencial concluiremos sobre a importância de uma postura ético-existencial, que permite a interrelação entre os seres humanos a partir da compreensão da pluralidade existencial.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade, Relativismo, Estrutura de Pensamento, Ética.

SUMÁRIO

Introdução	09
1.Referencial Teórico.....	12
1.1- Filosofia Clínica: O diálogo terapêutico entre Filosofia e a vida cotidiana.....	12
1.2- A Subjetividade e a relatividade como elementos terapêuticos da Filosofia Clínica...	19
1.3- Estrutura de Pensamento.....	23
2. Conclusão.....	30
3. Referências Bibliográficas.....	33

INTRODUÇÃO

*“Já trazes ao nascer a tua filosofia.
As razões? Essas vêm posteriormente,
Tal como escolhes, na chapelaria,
A forma que mais te assente”.*

Mario Quintana

Dotados de um poderoso impulso em direção ao conhecimento, dezenas de pensadores, desde o início dos tempos, procuraram entender o mundo que os cerca, dando explicações sobre quase todas as coisas, dos desejos humanos aos mistérios das estrelas. A criação do universo, a origem das estrelas e dos corpos celestes, o mistério da morte, o ciclo do dia e da noite são questionamentos anteriores ao próprio nascimento da filosofia. A compreensão dos fenômenos da natureza e da vida inquieta e angustia os homens, em geral, desde tempos mais remotos.

Assim, parece que quando o homem adentra ao teatro da vida o espetáculo já se iniciou e ao deixá-lo, o faz, sem que a cena tenha chegado ao fim. Nas palavras de Montaigne (1580), a morte é ato com personagem único. Põe em evidência, sem ser secundada por nenhuma outra, essa fonte inesgotável de opiniões, sonhos e paixões que animava secretamente o espetáculo do mundo e, assim, melhor do que qualquer outro episódio da vida, ensina o acaso fundamental que faz o ser humano aparecer e desaparecer.

O certo, é que ao chegar, o ser humano interage com um turbilhão de fenômenos, ao mesmo tempo invadindo-o e alterando-o a partir da pluralidade de intersecções que cada ser é capaz de significar.

Neste momento, uma jornada individual e interna a cada ser movimenta-se na construção de respostas as dúvidas e aflições advindas dos fenômenos internos e externos que circunda o ser e sua existência. Durante essa caminhada, muitas vezes ocupa o papel de sujeito que se impõe sobre a vida e outras vezes objeto de conhecimento de si mesmo, e nesse movimento contínuo constitui-se ou desvela-se o seu ser que está para o mundo, para o espetáculo que é a vida.

Guimarães Rosa (1956, p. 23), em Grande Sertão Veredas, consegue expressar, de modo muito adequado e rico, a qualidade da intersecção entre mundo e os homem de modo geral: “o importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam”.

Na caminhada em busca do seu próprio ‘tom’, que muitas vezes pode ser o desafinado, os seres humanos se serviram, predominantemente da razão e da imaginação, e essas faculdades levaram-no a mundos tão distintos e únicos, emergentes de um mesmo mundo objetivo, de uma mesma natureza. Assim, afinando e desafinando, o ser expressa-se, comunica-se, encontra-se com o mundo em que vive no movimento constante entre o que é objetivo (o mundo externo) e o subjetivo (o mundo interno).

É nesse movimento dialético que se apreende a verdade parcial enquanto entendimento do mundo e de nós mesmos, enquanto seres singulares. Agora, pense uma coisa: se a intersecção é única e individual para cada ser no mundo, a verdade que é apreendida seria subjetiva a cada ser, ao mundo que ela representou para si? Sendo assim, como interagiria os homens entre si e com o mundo (casa comum da humanidade) sem que a subjetividade intrínseca a cada ser humano não o levasse ao isolamento epistemológico em consequência da relatividade de tudo que seja verdadeiro, inviabilizando a vida comum e ação? Uma bagunça de conceitos em que todas as coisas se tornam relativas?

Neste contexto, a Filosofia Clínica não ocupasse da reflexão Universal do ser, mas metodologicamente encara o ser humano a partir de si mesmo, onde o mundo, segundo Schopenhauer (2005), “ é uma representação minha” como eu o percebo. Mas, também advertiu que o mundo vai muito além da representação pessoal, pois por mais pródigo que alguém seja, o mundo terá milhões de coisas para além da percepção subjetiva.

Assim, o trabalho clínico da Filosofia estaria numa inversão de polaridades, onde a reflexão começa pelo mundo individual de cada ser observando as estruturas cognitivas comuns ao desenvolvimento da humanidade. O Filósofo Clínico é aquele que usa seus conhecimentos filosóficos, com método e fundamentação, na terapia da pessoa com o objetivo de vivenciar a experiência filosófica de cada ser humano diante de suas questões existenciais, onde não existiria uma teoria mental, mas teorias individuais das almas humanas.

O exercício terapêutico dá-se através do diálogo e da reflexão, nem sempre verbal, que acontece internamente em cada ser ao constituir-se enquanto ser humano. A filosofia clínica

retoma a reflexão do indivíduo, não entorno dos macrocosmos, mas, a partir da vida cotidiana e subjetiva de cada ser e os motivos que tecem do texto da sua humanidade.

A subjetividade é elemento fundamental nesse filosofar clínico, e um dos pontos nervosos deste trabalho. Ao compreender que as verdades de cada ser correspondem a sua maneira interna e própria de interpretar os fenômenos que o cercam, conseqüentemente, suas dores, seus temores, sua forma de ser, derivam dessa forma subjetiva de explicar a realidade. O cuidado, aqui, é o de não incorrer-se em um reducionismo do ser humano a sua mente, o que não corresponderia à complexidade humana.

Neste ponto concentra-se o objetivo deste estudo que é analisar a linha tênue entre o conceito de subjetividade e relatividade, de modo a superar uma compreensão aparente de reducionismo do ser humano a sua mente. Para tanto, a fundamentação filosófica do conceito de subjetividade e relativismo dentro da Filosofia Clínica contribuirá para essa superação.

Após essa superação teórica, passa-se a análise de como a diversidade humana, advinda da plasticidade subjetiva inerente a cada um, pode encontrar-se com a subjetividade de outro ser humano a fim de compartilharem do destino comum da humanidade, através do conceito de alteridade. Portanto, como se daria a unidade diante da multiplicidade humana, ou seja, a unimultiplicidade tendo em vista a elasticidade de possibilidades indefinidas.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 - FILOSOFIA CLÍNICA: O DIÁLOGO TERAPÊUTICO ENTRE FILOSOFIA E A VIDA COTIDIANA

Historicamente, a Filosofia nasce da necessidade de alguns homens em não mais compreenderem a realidade e o mundo onde eles vivem por uma linguagem mítica e imagética, mas através de um discurso racional, lógico e formal. Para entender um pouco dessa mudança de postura investigativa diante do mundo é preciso entender o que seria conhecimento mitológico.

O conhecimento mitológico seria um modo interpretativo de compreender o mundo e o homem, uma verdade que atende a um tipo de lógica subjetiva construída na intersecção do homem com o mundo que faz parte, constituindo uma leitura única e significativa para aquele que a constrói.

Os mitos não eram apenas narrativas sobre a origem do homem, das coisas da natureza, do mundo. Eles também falavam sobre aspectos da condição humana, como o fato de ser mortal e sexuado, de viver em sociedade e ter de trabalhar para sobreviver, da necessidade de regras de convivência, etc. E, assim expressam, comunicam uma verdade tanto quanto outras ditas científicas. Nas palavras de Gusdorf:

O mito está ligado ao primeiro conhecimento que o homem adquire de si mesmo e de seu contorno: mais ainda, ele é a estrutura deste conhecimento. Para o primitivo não há duas imagens do mundo, uma “objetiva”, “real” e a outra “mítica”, mais uma leitura única da paisagem. O homem se afirma ao afirmar uma dimensão nova do real, uma ordem nova manifestada pela emergência da consciência. (GUSDORF, 1980, p. 23).

Assim, os mitos surgiram em meio aos primeiros grupos humanos. Mas, diante de um ambiente de grandes avanços e transformações no modo de vida urbano. Começavam a surgir questões para as quais as explicações mitológicas soavam cada vez mais insuficientes. Inicialmente, os primeiros pensadores viam nas ocorrências naturais, enigmas que precisavam ser decifrados, muitas vezes para a própria sobrevivência de sua comunidade.

O conhecimento filosófico nasce nesse contexto. Geralmente, caracteriza-se o início da Filosofia quando o fenômeno da vida, além de uma explicação mítica, recebe também uma

explicação racional. No entanto, não foi uma descoberta repentina: ela é fruto de um longo processo histórico de afirmação do valor da razão como critério para interpretar o mundo.

O que caracteriza, portanto, a origem da Filosofia ou o espírito filosófico, é o gradativo abandono das explicações a partir do sobrenatural - que não deixavam de ser uma autêntica procura das causas primeiras do mundo – e o fortalecimento das explicações racionais ou humanas. Para Anaxágoras, “tudo era um caos até que surgiu a mente e pôs ordem nas coisas” (REALE, 1977, p.9).

A busca por uma verdade reflexiva, racional e lógica inaugura uma preocupação científica com a realidade natural, ou seja, explicar de maneira crítica, lógica e objetiva as causas primeiras dos fenômenos da natureza e a unidade do real diante da multiplicidade das coisas. Em outras palavras, poder-se-ia afirmar que o conhecimento filosófico nasce do uso metódico da razão, na investigação racional do conhecimento, uma reflexão crítica a partir dos diferentes conflitos presentes na realidade. Aristóteles afirma:

Os homens começaram a filosofar, tanto agora como nas origens, por causa da admiração: no princípio, eles ficavam maravilhados diante das dificuldades mais simples; em seguida, progredindo pouco a pouco, chegaram a se colocar problemas sempre maiores, como os problemas relativos aos fenômenos da lua, do sol e dos astros e, depois, os relativos à origem de todo universo. (REALE, 1990, p.23)

A Filosofia, portanto, procura pensar e refletir a vida além daquilo que o senso comum percebe num primeiro instante (não seria o princípio para o conceito de Assunto Imediato)¹, ou seja, além de sua pura aparência. Mas, para quem a vida existe? Assim, toda vez que um ser humano é capaz de pôr em movimento, por si mesmo, seu próprio pensamento – por um maravilhamento, encantamento, pasmo, estupefação, assombro, enfim, qualquer estado de grande comoção produzido pelo contato do indivíduo humano consigo mesmo, com os outros e com o mundo que o cerca estaria a filosofar!?

Assim, as preocupações e especulações filosóficas concentram-se não mais na relação do ser humano com a natureza, mas nas relações entre seres humanos marcado por um segundo momento no discurso filosófico inaugurado pelos sofistas.

¹ Assunto imediato trata-se do elemento inicial que se apresenta como o objeto da situação problema que vivência o indivíduo.

Com efeito, de acordo com Reale (1990, p.73), “os sofistas operaram uma verdadeira revolução espiritual, deslocando o eixo da reflexão filosófica da *physis* e do *cosmos* para o homem e aquilo que concerne à vida do homem como membro de uma sociedade”. Assim, diferente dos primeiros pensadores que tinham suas preocupações dirigidas para a natureza e a essência do universo, a filosofia se volta para o homem e a vida em sociedade.

Assim, “que representa a filosofia?”. Segundo Heidegger, é uma das raras possibilidades de existência criadora. Seu dever inicial é tornar as coisas mais refletidas, mais profundas. A filosofia nasceu e nasce da aspiração ao conhecimento racional, lógico, demonstrativo e sistemático da realidade natural e humana, da origem e das causas da ordem do mundo e de suas transformações, da origem e das causas das ações humanas e do próprio pensamento. (HEIDEGGER, 2006)

Chauí (2006, p. 23) afirma que a Filosofia, “como fundamentação teórica e crítica, ocupa-se com os princípios, as causas e condições do conhecimento que pretenda ser racional e verdadeiro”. É o espaço da problematização, da reflexão, da dúvida, é o retornar ao próprio pensamento, pensar o já pensando, voltar para si mesmo e colocar em questão o que já se conhece, a admiração e o espanto diante das situações da vida, a inquietação que não permite aceitar conceitos sem conhecer sua gênese. Desta feita filosofia pode-se voltar para qualquer fenômeno ou objeto, tendo em vista sua característica de universalidade ou unidade.

A inexistência de um objeto material determinado da filosofia induz a uma aparente percepção de que a filosofia tenha um caráter de certo modo especulativo. O filósofo deve reconhecer o todo, mas a razão humana está estruturada de tal modo que o homem só consegue focar o particular. Nunca se consegue dominar, imediatamente, o todo do ser. Assim, a filosofia nunca consegue agarrar, diretamente o seu objeto; pelo contrário, tem de se concentrar no singular, tendo em vista obviamente, a meta de toda a investigação filosófica, isto é, o todo, ou seja, nas as palavras de Jaspers, mesmo quando a filosofia como ciência, se dirige ao todo, acaba por se realizar apenas ao particular. (JASPERS,1965)

Por isso o objeto da filosofia só pode ser atingido de alguma forma, através da confluência dos vários co-filósofos, ou seja, através do discurso. É por esta razão que a comunicação, a comunhão através do partilhar de ideias, o diálogo desempenha um papel tão importante na filosofia.

Estas considerações também ajudam a esclarecer o problema do relativismo filosófico. Quem analisa isoladamente cada uma das diferentes afirmações dos filósofos, como se cada uma delas tivesse que consubstanciar o todo, chegará necessariamente à conclusão de que na filosofia reina um relativismo desesperado. Só quem consegue perceber a filosofia como a confluência do pensamento de muitos através de séculos e milênios, quem consegue destrinçar a convergência na divergência, pode escapar ao relativismo, visto que a razão humana só consegue atingir o todo a partir da multiplicidade das partes.

Os caminhos da razão, portanto, podem ser os mais diversos e levar o ser humano a relacionar e interagir elementos de naturezas diversas e que ganham sentido e significado dentro de um momento e dentro de um sistema. Nessa perspectiva, afirma Gusdorf:

O pensamento filosófico, na mesma medida em que se esforça em pór da racionalidade, justifica cada uma de suas afirmações segundo as normas de inteligibilidade lógica. Toda doutrina apresenta-se assim como um corpo de verdades abstratas, válidas por sobre o espaço e o tempo. O pensamento mais inovador também têm antecedentes e não apenas os que por vezes lhe reconhecemos, como também aqueles outros, mais surpreendentes, que só sem vem a descobrir ao depois. Por outro lado, um pensamento não detém a história. Ele é um momento da história. E o fato de que sempre estão a aparecer novas filosofias é uma boa prova de que toda doutrina vale enquanto circunscrita num certo horizonte. À medida que mudam, com o tempo, as circunstâncias e as situações, novas justificações mostram-se necessárias e novas doutrinas se manifestam. (GUSDORF, 1980, pág. 17).

Assim, o exercício do filosofar será um esforço de inventário, crítica e reconstrução de conceitos, auxiliados por antigos pensadores. Eles têm uma contribuição a oferecer, para auxiliar no trabalho de construir o próprio entendimento filosófico do mundo e da ação, num esforço autônomo de se espantar e questionar criticamente a respeito do próprio modo de agir, seus valores e representações que dão sentido ao seu modo de ser e viver em diálogo com os pensadores da humanidade.

Resumindo, pode-se afirmar, conforme Chauí (1998, p. 12), que a primeira atitude filosófica é negativa, isto é, um dizer não ao senso comum, ao estabelecido, por em dúvida, espantar-se diante do aparentemente óbvio. Mas, se espantar é por em dúvida uma verdade sem expectativa de resposta, como unir, então, conceitos tão distintos como Filosofia – entendendo-a como atividade reflexiva, autônoma – e terapia – compreendendo terapia como uma metodologia para aliviar ou curar doenças.

Aqui, a Filosofia Clínica retoma o papel inicial da Filosofia, que consistia em buscar o saber para cuidar de si, das relações com o outro, com a sociedade e com o ambiente, equilibrando a totalidade.

Diante do fenômeno de si mesmo, do outro e do mundo, o homem, espantando-se com tamanha complexidade, empenha-se em abarcar seus porquês, em compreender suas razões. Podendo escolher entre diversas formas de satisfazer a essa busca, entre elas uma explicação mítico-fantástica às suas indagações de porquês e razões, o homem vale-se, entretanto de uma reflexão ordenada, rigorosa, sistemática, lógica e racional, ou seja, o logos. E, isso não seria resgatar o sentido prático da Filosofia esquecido por certa filosofia que privilegiou não a razão, mas o intelectualismo e a técnica com herança desse modo de pensar.

Para Jaspers (1965, p. 38), “quem se dedica a filosofia põe-se à procura do homem, escuta o que ele diz, observa o que ele faz e se interessa por sua palavra e ação, desejoso de partilhar, com seus concidadãos, do destino comum da humanidade”. Portanto, o ser humano filosofa, antes de tudo, pelo compromisso que tem consigo mesmo, com sua vida, com a vida da humanidade e com o mundo que o cerca. A Filosofia começa no humano visando ao humano.

Nesse sentido, a Filosofia trabalha com possibilidades, considera a legitimidade de diferentes mundos possíveis. Consequentemente, não é o caso de compreender terapêutica como uma metodologia para aliviar ou curar doenças, pois para determinar o sentido de doença necessitaríamos partir de um padrão de normalidade, e isso exigiria a opção por apenas uma possibilidade de existência legítima.

Portanto, pode-se, colocar em dúvida o conceito moderno de terapêutica como técnica de análise e diagnóstico do ser humano e suas doenças como uma forma de poder advindo de uma razão instrumental que apodera-se da verdade! Michael Foucault, no seu livro O nascimento da Clínica, argumento:

Não há relação de poder sem constituição correlativa de um campo de conhecimento, ou que não pressupõe e constitui, ao mesmo tempo relações de poder. Estes relatórios de "poder-saber" não estão a ser analisados a partir de um conhecimento sobre o que seria livre ou não do sistema de poder, mas em vez disso, devemos considerar que o sujeito sabe, os objectos são como os efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber [...] (1975, p. 35).

A terapêutica clínica, neste sentido, seria o exercício do poder da razão absoluta, soberba que conclui o outro, dizendo a ele o que ele é e qual caminho seguir, substituindo os antigos conceitos de cuidado e compreensão pelo diagnóstico e a doença. Dessa forma o saber clínico não constitui entender filosófico do que é a loucura, mas como forma de poder que antes propicia o processo de dominação do louco.

Nas palavras de Merleau- Ponty,

não é reclamando para a ciência um gênero de verdade metafísica ou absoluta que se irá proteger os valores da razão ensinados pela ciência clássica. O mundo, além dos neuróticos, conta com um bom número de “racionalistas” que são um perigo para a razão vivente. E, ao contrário, o vigor da razão está ligado ao renascimento de um senso filosófico que justifica a expressão científica do mundo, mas em sua ordem e em seu lugar no todo do mundo humano”. (p. 320, 1945)

Ainda, segundo Foucault, a razão do período clássico veta “outro” modo de ser, pois, teme uma linguagem diferente da sua: é uma razão repressiva, onde a história da loucura mostra unidade de significações que são limites a partir dos quais os homens de um período histórico pensam, compreendem e avaliam.

Neste sentido, a Filosofia Clínica não só seria, de fato, Filosofia, como talvez uma das atividades mais estritamente filosóficas. Na clínica filosófica o partilhante torna-se filósofo de si mesmo. É essa natureza terapêutica do pensamento filosófico, onde o indivíduo retoma a responsabilidade sobre si e sua autonomia num processo de autocuidado, cujo Filosofia Clínica se apropria.

O caráter terapêutico pressupõe um espaço onde o indivíduo, que talvez se encontre em dificuldade de resolução de seus questionamentos e problemáticas, recupera por si próprio sua autonomia à medida que vai, gradativamente tomando parte ativa na reflexão e na compreensão de suas dificuldades, tomando a si mesmo, as suas circunstâncias, sua história, como objeto de observação e de uma investigação sincera e bem ordenada, não se encerrando, assim, como mero objeto passivo deste.

Nas palavras de Packter: [...] basicamente, o filósofo permite livre cursar a manifestação, ao conteúdo que o partilhante traz e que surge sempre mais, ao ser em seus exercícios de coisa, e tudo isso oscilando como um discurso prático”. (1997, p. 30)

Aqui, a verdade não seria poder, mas uma verdade ‘artesanal’ tecida no entrelaçar do homem, suas vivências, suas emoções, sua estética e espiritualidade, na retomada do ser humana na sua integralidade. A grande poetisa goiana, Cora Coralina, expressa muito bem essa ideia em um de seus versos:

Quando lembro o quanto nossas vidas se entrelaçam amorosamente com outras vidas nessa tapeçaria de fios sutis dos encontros humanos, a gratidão emerge e se espelha, em ondas de ternura por toda orla do peito. Diante de tantas incertezas, essa verdade perene: o amor compartilhado é sábio curador. (1970, p. 75)

Nesse sentido, a Filosofia Clínica busca o exercício filosófico, o resgate do papel terapêutico e profilático da reflexão filosófica a partir do universo singular de cada partilhante, no diálogo dele como o todo sem repostas prontas, aconselhamentos e proposições de caminhos. A relação clínica pressupõe uma intersecção reflexiva entre partilhante e filósofo. Portanto, o foco não é uma suposta doença como um processo de autoajuda, pois, nas palavras de Packter: “No meu modo de entender as coisas, serei eu o mais maluco de todos se quiser pretender ter a verdade das coisas por você”. (1997, p. 21)

Nesta perspectiva, o filósofo disponibilizará ao auxílio de seu partilhante todo conhecimento que tem da história da Filosofia, todo o conhecimento sistematizado da Filosofia acadêmica, bem como o domínio e a prática de um pensamento inteiramente pautado na reflexão que já caracterizada em ser ordenada, lógica, rigorosa.

Concluindo o “Prólogo”, Merleau-Ponty escrevia:

A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo (...). A fenomenologia como revelação do mundo repousa sobre si mesma ou, ainda, funda a si mesma. Todos os conhecimentos se apoiam sobre um solo de postulados e, finalmente, sobre nossa comunicação com o mundo como primeiro estabelecimento da racionalidade. A filosofia como reflexão radical priva-se em princípio, desse recurso. Como também está na história também usa o mundo e a razão constituída. Será preciso, pois, que dirija a si mesma a interrogação que dirige a todos os conhecimento e, portanto ela se reduplicará indefinidamente, será como diz Husserl, um diálogo ou uma meditação infinita e, na medida em que permaneça fiel a si mesmo, nunca saberá onde vai” (p.XVI, 1990)

As diversas filosofias expressam os diferentes modos de ser da criatura humana, onde as formas de relação que estabelece com as coisas mostram quem é esse ser humano, e que, é ele a medida exata de tudo quanto pretender mensurar sob qualquer significado: ético, epistemológico, emocional, etc., condição subjetiva do ser humano.

Esse aspecto subjetivo da condição humana deve ser entendido como expressão do ser, manifestação do seu modo, o que em um primeiro momento pode dar à falsa impressão de uma apologia a uma ‘anarquia’ e um ceticismo absoluto, pois não há a Verdade. Como entender esse aspecto da nossa humanidade e encontrar algum sentido nesse aparente “Caos” que nos amedronta por nos colocar diante do incerto e do “perigo”?

1.2 – A Subjetividade e a relatividade como elementos terapêuticos da Filosofia Clínica:

Amamente dez crianças de um modo igual, dê a elas dez mil experiências iguais – sob qualquer enfoque que você possa imaginar – cuide ainda para que tenham exatamente as mesmas experiências durante muitos anos... e mesmo assim, caso tal coisas seja possível, cada uma dessas crianças terá uma leitura singular do mundo. Assim, mesmo as pessoas mais iguais são profundamente diferentes entre si mesmas. A plasticidade da criatura humana é ilimitada de possibilidades (PACKTER, 2002).

Os diversos caminhos que o ser de uma pessoa pode desvendar na sua interseção com o mundo constituem-se, segundo o filósofo Schopenhauer, na sua representação do mundo, tudo aquilo que aparece como figura para o seu entendimento. A representação nela mesma não revela a sua essência íntima, o seu núcleo, daí pode-se dizer que é ilusória, enganosa. Em termos estritamente empíricos, é pelos sentidos que os primeiros dados fornecidos pela experiência conduzem à representação. Porém, antes de termos a posse final da imagem, é necessário previamente todo um elaborado processo mental para construí-la. (SCHOPENHAUER, 2002)

Nesse processo, o sujeito é ativo, uma espécie de artesão na construção do mundo, passos aos quais se terá uma rica e complexa rede de objetos inter-relacionados, chamada realidade. Parecida ao personagem mítico Atlas, assim é cada homem, que carrega sozinho em sua cabeça o mundo inteiro. Assim, uma mera sensação dos sentidos nada diz de si, é uma mensagem vazia se abandonada a si mesma. É o “artesão entendimento” que, com suas antenas dos sentidos, recebe os sinais externos e os decodifica. Ao fim, a consciência, funcionando igual a uma tela de televisão, é preenchida por imagens. (SCHOPENHAUER, 2002).

Schopenhauer, nesse sentido, faz uma atualização do princípio de Protágoras que afirma “o homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são e das que não são enquanto não são” (PLATÃO, 1988, p. 15) e completa “O mundo é a minha representação (...) tudo o que existe, existe para o pensamento, isto é, o universo inteiro apenas é objeto em relação a um sujeito, percepção apenas, em relação a um espírito que percebe numa palavra, é pura representação” (SCHOPENHAUER, s/d, p.7). Sendo assim, existem tantas representações de mundo, quantas pessoas existem sobre a face da terra.

Desse conceito de ‘mundo como representação’ abstrai-se a ideia de subjetividade como elemento universal que dá plasticidade ao ser humano e abertura aos diferentes modos como este constrói suas representações. A verdade como aspecto da subjetividade do mundo de cada ser humano é referência para o trabalho da filosofia clínica.

Por esses motivos, a noção de representação lembra ao filósofo clínico os limites de seu conhecimento sobre a pessoa e a necessidade de um constante acompanhamento desse ser que, apesar de único, não é estático; de um ser que pode ser compreendido sob diferentes perspectivas, de acordo com o tempo, o lugar, as relações e suas variantes.

As significações humanas dependem do espaço onde cada um vive, com suas condições geográficas, climáticas e culturais decorrentes, que lhe são específicas. E sobretudo, o homem depende do tempo, pois, sua existência enquanto homem, é finita. (...) O ser humano tem seu universo interno de significações próprias, que são impossíveis de serem universalizadas em verdades científicas; (...) As explicações causais do universo extra humano, transportadas para o conhecimento das significações da interioridade de cada homem, geram a extirpação da humanidade do homem (PACKTER, 2001, p.35-36).

Nesse sentido, a Filosofia Clínica mantém sua relação essencial com o exercício filosófico: o filosofar, pois o trabalho terapêutico não faz uma opção por uma “verdade” filosófica. Ele consiste em compartilhar a vida e as questões da pessoa, pensar junto; questioná-la quando necessário; provocá-la a pensar; por em dúvida suas verdades a fim de aproximá-la daquilo que, para ela, venha ser a opção por um caminho. Em outros casos, a pessoa já chega com o caminho definido, o que deseja é encontrar um meio para trilhá-lo, traz um montão de pedras e o papel do filósofo é estudar, junto com ela, as possibilidades de remover tais pedras, utilizá-las para construir um caminho de pedras, abandoná-las e seguir outro rumo, ou outras possibilidades que se apresentem em sua história e seu contexto. (AIUB, 2005).

Mais do que uma nova abordagem psicoterápica, a Filosofia Clínica é uma nova abordagem da filosofia, ou melhor, a retomada de uma antiga, primordial abordagem da filosofia: refletir sobre nosso modo de ser, pensar e agir, tendo em vista uma compreensão mais ampla de nós e de nossa realidade, com o objetivo de tornar nossas vidas melhores.

Mas se cada um tem sua representação de mundo, como seria possível a vida em sociedade, a vida comum sem que a humanidade perca-se na relatividade absoluta? Em Filosofia Clínica, aprender a respeitar a representação do outro não significa aceitá-la, vivenciá-la, mas sim, compreender que o outro pode não ver o mundo da mesma maneira que outra pessoa, que não existe o “dono da verdade”, que não se tem sempre a resposta, e que muitas vezes, a resposta é, simplesmente, “não sei”, pois o filósofo não é o sábio mais sim o amante da sabedoria.

O filósofo clínico junto com a pessoa que procura seus serviços, cada um em si mesmo compartilha uma relação entre ambos, essa é a medida das coisas. Longe de qualquer relativismo, a urgência disso é que enfim a responsabilidade retorna à pessoa, viva ou morra assim, queira ou não, e por todos os parâmetros consideráveis (PACKTER, 2002).

Assim, ao valorizar a subjetividade de cada indivíduo no seu processo de construção de significações, deduzimos daí uma verdade subjetiva e não uma verdade universal, portanto, concluiríamos que a Filosofia Clínica seria relativista? Não. A verdade em Filosofia Clínica é subjetiva e ser subjetiva é diferente de ser relativa.

Inicialmente, a verdade em clínica é subjetiva por ser a verdade do partilhante. Se ele afirma que vive num mundo maravilhoso, lindo, está é a sua verdade que se configura a partir de sua percepção do real e sua interpretação do mesmo.

E o relativismo? “Entendendo por relativismo a concepção de Schilher: “negação de toda verdade absoluta e racional e o reconhecimento de que a verdade é sempre relativa ao homem, isto é, válida porque é útil a ele” (ABBAGNANO, 2003), ou a de Protágoras “ O homem é a medida de todas as coisas”, podemos considerar a postura do filósofo clínico relativa a seu partilhante, respeitando sua visão de mundo. Mas isso não significa que o filósofo clínico não busque a verdade consensual.

Apenas há a suspensão, como método, dessas verdades que nos habitam e clamam por nós, para que haja a compreensão de como a pessoa se estrutura, o que é importante para ela, quais as relações que se estabelecem entre a verdade subjetiva, a verdade consensual e, principalmente, qual a melhor maneira de lidar com isso, preservando os modos de ser humano que se desenham diante de nós.

Não se trata de considerar a verdade como relativa e por isso não lhe atribuir a devida importância, reduzindo assim o indivíduo a um solipsismo², isto é, o reconhecimento só de si mesmo e de suas verdades que não interagem com os outros, o que conseqüentemente promoveria um ceticismo social, onde a comunicação se tornaria inviável, por não termos referências comuns. Trata-se, portanto, de ter consciência da impossibilidade de atingirmos uma verdade universal, absoluta, e por isso nos mantermos em constante busca, respeitando a verdade e o tempo subjetivo do partilhante, compreendendo-os dentro de seu contexto e, muitas vezes, revendo nossas verdades estabelecidas.

Imagine o que é conviver com alguém que não julgará suas ações, que não colocará você num enquadramento tipológico, que acompanhará existencialmente você, respeitando o modo como você é, que estará ao lado quando for para ser e que evitará afrontamentos inúteis à maneira como você se estruturou, valorizando sua singularidade no universo e o ajudando a manter-se bem consigo e com o outro eticamente, compartilhando sua vida, acolhendo sua história, estabelecendo uma interseção de mundos, no exercício constante do filosofar: a busca por autoconhecimento.

Portanto, voltando ao princípio de Protágoras: “o homem é a medida de todas as coisas”, e assim conclui-se que o valorizar da subjetividade do indivíduo não leva a uma relativização da realidade e dos valores humanos, mas sim ao fato que o nosso partilhante é a medida de todas as coisas no que se refere à sua vida. A sua singularidade expressa na subjetividade de sua história, deve ser preservada para que possamos ajudá-lo a ser conhecer sem agredi-lo, desrespeitá-lo, o ajudando a expressar seu ser.

² O Solipsismo é basicamente a ideia de que o Ser controla o mundo. É uma crença filosófica que além de nós e nossas experiências, nada existe. É a ideia de que a única realidade cognoscível é o Eu (Dicionário Filosófico Abbagnano, 2003, p. 783).

Mas se as ciências não fornecem satisfação metafísica, se com elas procuramos e nunca achamos o segredo dos objetos, cabe então recorrer à outra via que não a científico-objetiva. Se a partir do exterior não se obtém sucesso, quem sabe se a verdadeira via para a essência do mundo não seja a subjetiva? Para abordar essa questão, Guattari (1990), diz

A reconquista de um grau de autonomia criativa num campo particular invoca outras conquistas em outros campos. Assim, toda catálise da retomada da confiança da humanidade em si mesma está para ser forjada passo a passo e, às vezes, a partir dos meios mais minúsculos”. (GUATTARI, 1990, p. 87)

Em vez de se partir de fora, deve-se tentar um mergulho na interioridade, deve-se examinar o íntimo mais profundo de nós mesmos, do corpo humano. Talvez aí se encontre a porta que abrirá a porta dos mistérios, tornando-nos assim mais seguros diante de tantas e variáveis aparências, em nada consoladoras para a vida.

Para que esse exercício de reflexão seja possível, a Filosofia Clínica parte do princípio de que há repetição, regularidade, e que por isso podemos construir teorias sobre o mundo e, conseqüentemente, sobre o homem que faz parte deste. Se há regularidades, mesmo não tendo acesso direto ao mundo, podemos construir teorias adequadas e consistentes, capazes de compreender as manifestações subjetivas do ser humano e sua gênese de maneira a objetivar essa dinâmica humana.

Portanto, a Filosofia Clínica não pretende a potencialização da subjetividade como ditadura da individualidade, mas como condição inerente ao ser humano que movimentasse numa estrutura universal conceituada por Lúcio Packter, através do mapeamento das diversas categorias funcionais regulares do logos, na Estrutura de Pensamento.

1.3 – Estrutura do Pensamento: A Relatividade como expressão da subjetividade existencial de cada ser

Nayla é uma mulher de 31 anos, bonita desde que a adolescência passou. Tem um filho de 5 anos que mistura as letras quando discutem com ele e um marido que é um grande amigo. Nayla é feliz com seu marido, seu filho e com seu relacionamento íntimo fora do casamento com um homem bem mais velho. Nayla, conforme todos que a conhecem, é boa mãe, boa esposa, boa amiga. Um dos

primeiros nomes quando se faz uma daquelas listinhas de convidados. O que traz alguém como Nayla ao consultório? Ela descobriu que o homem mais velho com quem ela convive intimamente fora do casamento a traiu como outra mulher, uma desconhecida que ela pesquisou em bolsos, contatos de chamadas não atendidas, MSN e tardes de espreita em frente ao apartamento do homem. A queixa de Nayla é que não se pode confiar em ninguém, o mundo perdeu o rumo dos valores, os sentimentos são agora escambo.” Essa pequena síntese da história da vida da fictícia Nayla, foi descrito por Lúcio Packter em seu artigo para revista Filosofia da editora escala (AnoV, nº 52).

A história de Nayla, relatada acima, expõe os aparentes paradoxos e ambiguidades que são vivenciadas pelo ser humano durante sua existência. Os movimentos dessas realidades paradoxais estão desenhados na dialética dos contrários manifestada na subjetividade de cada ser. O universo subjetivo de cada indivíduo representa sua maneira própria de estruturar-se e organizar-se diante do mundo, e, portanto é relativa àquela pessoa e suas contingências.

Em Filosofia Clínica, no consultório, uma das ocupações do filósofo é esquadrihar o modo como as pessoas estão no mundo quanto a determinadas questões, seus movimentos de contrastes, comparações, de ir e vir, das polarizações e outras conformações que usualmente aparecem pela maneira como cada pessoa estrutura e organiza sua mente.

Assim, num movimento superficial, tende-se a olhar um caso como o de Nayla e analisar as suas vivências e suas ações por meio de juízos de valor. Os juízos de valor tendem a uma “pseudo” universalização, como se todos os seres entendessem e vivenciasse a realidade da mesma forma, mecanicamente. Neste caso, o agir “errado”, nas palavras de Sócrates, expressaria nossa ignorância da verdade e corresponderia aos vícios morais derivados dessa ignorância.

Com Sócrates, inicia-se uma tradição racionalista que pensa o ser humano e seus aspectos morais e éticos a partir de uma teoria do conhecimento. A centralidade da razão, a valorização conhecimento, a ênfase na problemática do método e a fundamentação da ciência, o recurso à lógica, a preocupação com a crítica vão ser considerados por muitos filósofos do século XIX limitadores e mesmo aprisionantes, não dando conta da totalidade da experiência humana e não sendo a melhor forma de entender a relação do homem com o real e considerar o desenvolvimento da sociedade e da cultura.

Assim, sem repetir os velhos conceitos de bem e mal, que acabaram, por muitas vezes, se mostrando insatisfatórios para lidar com os abismos em que se perdem muitas vezes as criaturas mais comuns. Esse fenômeno decorre das diferenças naturais dos seres humanos na experiência com o mundo, pois, segundo Schopenhauer (2005, p. 241), todo objeto, seja qual for a sua origem, é, enquanto objeto sempre condicionado pelo sujeito, e assim essencialmente apenas uma representação do sujeito.

Então, como falar de uma ética da velha dicotomia entre Bem e Mal, se não há mais como pensar uma verdade absoluta, mas construto das várias subjetividades e suas representações? Diante da ruptura com paradigmas Universais e a percepção da realidade a partir da subjetividade de cada indivíduo, como pensar uma vida comunitária possível? Como analisar o caso de Nayla sem julgamentos, mas, sim com um olhar de compreensão e entendimento sobre a condição humano e suas contingências?

É, aqui, nesta problemática que se delineia a estreita relação entre subjetividade e relatividade nos seus aspectos epistemológicos dentro da Filosofia Clínica.

Segundo a compreensão de Schopenhauer (2005, p. 128), em crítica a um racionalismo idealista,

A representação é um estado subjetivo que resulta da contribuição das formas da sensibilidade, espaço e tempo e do entendimento, como a causalidade. O real, enquanto coisa-em-si, é, portanto, impenetrável a nosso conhecimento, que atinge apenas as representações. Essas representações se interpõem entre nós e o real como um véu que o encobre.

Porém, tem-se acesso direto à subjetividade através da reflexão e do autoconhecimento, e nesse sentido, o sujeito conhece a si mesmo não como aparência, já que é ele próprio, enquanto sujeito transcendental, a origem de toda a aparência. O sujeito conhece a si mesmo como sujeito, e não como objeto, de modo direto e não-conceitual. Busca-se “compreender aquilo que em nós e nos outros precede e excede a razão” (MERLEAU-PONTY, 1960, p. 393).

Aprende-se, dessa forma, com Merleau- Ponty que as questões são interiores e subjetivas à vida e a história de cada ser humano e que conseqüentemente as respostas fluem a partir dessa mesma individualidade. Os filósofos não produziram sistemas nem doutrinas – aparecem dessa forma quando olha-se para os pensadores distanciados das inquietações que os faziam pensar, do movimento que animava seu pensamento.

Portanto, saindo do papel de juízes ordenados pelo “poder da verdade absoluta”, e, assumindo a postura de reflexão sobre o modo de ser do outro, é possível observar que a subjetividade de cada pessoa se expressa na forma de organização interna da sua malha intelectual, do eu transcendente como experiência do pensamento.

A Filosofia Clínica, compreendendo que pensamento não se restringe à racionalidade, mas que a mente engloba elementos afetivos, emocionais, perceptivos, crenças, desejos, ilusões, sonhos, etc. sistematizou e mapeou o que se convencionou chamar Estrutura de Pensamento, elementos formais, cujos os conteúdos de cada um varia entre os indivíduos, sendo tais conteúdos os dados sobre o modos de ser da pessoa e a possível gênese das suas diferenças enquanto humano.

De acordo com Merleau- Ponty, não trata-se de negligenciar a lógica interna e a coerência conquistada por uma racionalidade, mas, o maior interesse estaria voltado para os impasses, os paradoxos, as súbitas guinadas do pensamento que, no entanto, estavam preparadas pelo caminho percorrido. Diferentemente do que se passa em Matemática,

Na compreensão de outrem, o problema é sempre indeterminado porque apenas a solução fará os dados aparecerem retrospectivamente como convergentes; somente o motivo central de uma filosofia, uma vez compreendido, dá aos textos do filósofo o valor de signos adequados. Há, pois, retomada do pensamento de outrem através da palavra, reflexão em outrem que enriquece nossos próprios pensamentos (...) Começo a compreender uma filosofia deslizando para dentro dela, na maneira de existir desse pensamento, reproduzindo seu tom, o sotaque filosófico (...). No caso da prosa e da poesia, diferentemente da música e da pintura, a potência da palavra é menos visível do que a dos sons e a das cores porque, conhecendo o sentido dos vocábulos, temos a ilusão de possuir tudo quanto é preciso para compreender qualquer texto (MERLEAU-PONTY, 1945, 208).

Assim, no exemplo dado, ao pesquisar as questões internas em Nayla e sua organização existencial, Nayla “não vai para o inferno, não vai para o céu e não existe um lugar para ela. Este lugar que não existe para ela é o espaço que se cria entre espaços e que desafia a alma que tenta se comportar como se fosse uma coisa só”. (PACKTER, 2002).

Ou seja, entender o motivo central de sua filosofia, e não o conceito central. Como numa tapeçaria, numa renda, num quadro ou numa fuga, nos quais o motivo puxa, separa, une, enlaça e cruza fios, traços ou sons, configura um desenho ou tema a cuja volta se distribuem os outros fios, traços, sons, e orienta o trabalho do artesão e do artista, assim também o motivo central de um pensamento e constelação de palavras e ideias numa

configuração de sentido. Não como uma “causa” passada, mas como inquietação que motiva, sustentando seu fazer-se no presente.

A Estrutura de pensamento é o modo como a pessoa tece e está existencialmente no ambiente. Note que a pessoa é anterior à Estrutura de Pensamento, pois é somente através dela que tal Estrutura tem possibilidade de existir. É na plasticidade da Estrutura de pensamento que a subjetividade floresce nos proporcionando a relatividade das verdades subjetivas, pois, são nas inúmeras articulações conceituais da malha intelectual que elas formam ‘a medida’ do ser existencial. (AIUB, 2008).

Packter (2002, p.19) explica que na pessoa, “a Estrutura é móvel, plástica, poética como as cores de um caleidoscópio; a cada instante vão se processando milhares de modificações à malha intelectual da pessoa”. Assim, as verdades subjetivas da pessoa correspondem ao seu modo singular de articular internamente as categorias que constituem sua malha intelectual e inclusive outras que podem surgir a partir de seus movimentos existenciais, suas vivências.

Mônica Aiub (2008, p.47) ao ratificar essa ideia afirma que:

A Estrutura de Pensamento é o modo de ser da Pessoa. Como ela constitui-se a partir de suas vivências. Diante das circunstâncias vividas, o que ela se tornou? Como é, pensa, vive, age, sente? Quais os seus valores, crenças, desejos? Como ela se relaciona, se expressa? Tópicos que vão da visão de mundo à Expressividade, do Papel Existencial ao Significado, da Estruturação de Raciocínio à Axiologia (2008, p.47).

A Filosofia Clínica se propõe através das categorias formais que compõe a Estrutura de Pensamento e suas relações internas pôr-se em reflexão junto com o partilhante e navegando pela nuances de sua subjetividade buscar a verdade relativa a seu modo de ser, no limites de uma ética da alteridade.

Segundo conceitos do professor Goya (2008), compreender a subjetividade do “Eu psicológico” a partir “Eu transcendental”, ou seja, quando vou entender o mundo do outro, eu o faço a partir de categorias racionais, onde as respostas não estão prontas, mas, em processo de desvelamento advindas das milhares de intersecções próprias de cada pessoa.

Portanto, embora a Estrutura de Pensamento represente a pessoa como um todo, o trabalho clínico é um trabalho de análise, dividindo-se em trinta tópicos conceituais, que se

misturam, mesclam-se entre si, sendo alguns mais determinantes que outros para cada pessoa, às vezes contraditórios, outras complementares, enfim, são inúmeras as possibilidades e é preciso entender cada tópico e as relações intra e inter tópicos na EP de cada um.

O Conhecimento dos tópicos e suas articulações revelam faces do movimento da nossa subjetividade. Neste aspecto, não existem conceitos de normalidade aceitos como verdade. Estabelecer um modelo de normalidade, com validade universal, seria o equivalente a assumir uma postura dogmática, cristalizada e, por isso, antifilosófica.

Mas não se deve entender o aspecto clínico da subjetividade como uma defesa do relativismo, não é que a Filosofia Clínica defendesse a “impossibilidade” de escolher uma verdade, pois impossibilitaria uma orientação para ação, mas ela não será “a Verdade”, uma vez que é provisória, isto é, “verdade” até que se conclua o contrário, em outras palavras, verdade até que chegue um outro sujeito disposto a dialogar, apresentando uma perspectiva distinta, que a coloque em cheque, movimento e transformação. Isso é a relatividade dentro da clínica.

Aiub (2005, p.18), esclarece que em Filosofia Clínica

trabalhamos com a verdade subjetivo, aliada à verdade por correspondência, sem fazermos a citada “escolha”. Cumprimos apenas o papel de questionar os motivos pelos quais a pessoa escolhe seus caminhos; em outros caso, apontar-lhe outras possibilidades de itinerário; investigamos se os meios utilizados para atingir seus objetivos são eficientes; como ela lida com os obstáculos que encontra pelo caminho; quais os possíveis resultados de sua ação; e outras tantas perguntas que nossas vivências nos exigem”

Assim, os conceitos de subjetividade e relatividade são utilizados metodologicamente para compreender-se uma pessoa a partir de suas vivências, isto é, compartilhar a vida e as questões da pessoa, pensar junto; questioná-la quando necessário, provocá-la a pensar; por em dúvida as suas verdades a fim de aproximá-la daquilo que, para ela, venha ser opção por um caminho.

A subjetividade capta o modo de ser do indivíduo e é relativa a cada pessoa, o homem enquanto ser é único em si. Assim, para compreender esse ser particular, estabelecendo com ele uma reflexão, não parte-se de teorias pré-existentes, a partir das quais o caso é interpretado. Não há tipologias prévias que sirvam como guia para orientar o trabalho. O

ponto de partida da Filosofia Clínica é o partilhante, seu mundo tal qual se apresenta, seu modo de ser, pensar e agir.

Ratificando essa ideia Aiub (2005), compreende que mais do que uma nova abordagem psicoterápica, a Filosofia Clínica é uma nova abordagem da filosofia, ou melhor, uma retomada de uma antiga, primordial abordagem da filosofia: refletir sobre nosso modo de ser, pensar e agir, tendo em vista a compreensão mais ampla de nós e de nossa realidade, com o objetivo de tornar nossas vidas melhores.

CONCLUSÃO

Vivemos um mundo de intolerância, de fragmentação política, de fundamentalismos religiosos e ódios étnicos. A filosofia chega bem a tempo, para evocar outros valores, sonhar outros sonhos, inventar outras razões para os homens poderem estar juntos. A palavra filosofia guarda em sua etimologia a memória de seu significado originário. Se a filosofia é, antes de tudo, o amor pelo conhecimento, podemos concluir que a atual crise da cultura é uma crise da capacidade de amar

Olgária Mattos, Revista Galileu

... E como começo de caminho quero a unimulticidade, onde cada homem é sozinho, a casa da humanidade... Os versos de Tom Zé inspiram o rascunho de uma pretensa conclusão.

Não é possível negligenciar o fato de que o ser humano ao viver sociedade, nessa relação interdependente do outro, constrói não apenas a si mesmo, mas, também à própria existência humana no processo contínuo de humanização. Por isso, a ética – enquanto reflexão sobre os modos de ser – torna-se o fundamento para essa construção.

Assim, como diante da subjetividade singular de cada indivíduo promover a vida comum não inviabilizando a co-existência pela relativização de tudo? Tudo é permitido?

A transitoriedade e transformação constante do mundo e das relações impelem a entender que o conceito de subjetividade e relatividade, que aparentemente supõe uma teoria do Caos, na verdade pode ser um primeiro passo na busca de um mundo melhor e mais ético.

Isso, porque, ao compreender que cada ser humano é único, e que as coisas são representam a percepção individual de cada ser, começa-se a dar os primeiros passos na construção do respeito à existência e a legitimidade do outro e da individualidade existencial inerente a cada indivíduo. É preciso, que ao recordar, diariamente, que não ninguém é senhor absolutos do Universo, donos de uma razão universal que governa todas as coisas e a humanidade está inserida nesta ordem cósmica. Mas, sim, apenas habitantes cujas ações implicam em constituição em um universo habitado por outros, e que será herdado pelas futuras gerações.

Assim, a análise da subjetividade não pressupõe um culto a si mesmo, criando uma rede de insensibilidade, mas, todavia, um primeiro passo no exercício da verdadeira alteridade

para com o outro. Reconhecer e valorizar a vasta multiplicidade humana talvez coloque novamente, o ser humano, no caminho da humanização, não apenas pela tolerância, mas quem sabe de fato pelo amor.

O caminho da subjetividade, pensado filosoficamente, provoca uma revolução da consciência, que ao mesmo tempo em que alcança voos, também coloca diante da imensa fragilidade do ser humano, proporcionando um encontro não só com o diferente, mas, também como o outro, para que assim, este mesmo homem possa reconhecer suas limitações e repensar a sua existência, principalmente a nível social, abrindo possibilidade para o desenvolvimento de uma verdadeira sociedade solidária.

Assim, a subjetividade corresponde à representação de cada um do mundo, o que não torna as coisas relativas, mas interpela uma postura de respeito e compreensão da representação do outro, o que não significa aceitá-la, vivenciá-la, mas compreender as multiplicidades de percepção do mundo não permite que haja mais os “donos da verdade”, que às vezes aquela é a melhor resposta que alguém pode dar diante da minha maneira de sentir e ver as coisas de outro, estabelecendo contratos de convivências que permitam essas diversas multiplicidades coexistirem em uma unidade, tendo em vista a dialética dos contrários (o bem e o mal; o individual e o coletivo...) e onde o progresso depende disso.

Assim, o que a Filosofia Clínica enseja é repensar uma nova possibilidade terapêutica para o exercício clínico, onde esse processo seja reflexivo e partilhado, ao esquadrihar conceitualmente o eu subjetivo a partir de cada ser voltando, assim, aos pilares da Filosofia: “Conhece-te a ti mesmo”, e ainda mais, “o que sei”, e assim recolando o pensamento filosófico de volta no cotidiano da vida e a não apenas o explorando nos seus aspectos racionais, a caminho de uma nova ética, a Ética da alteridade!

Percorrido esse caminho de estudo da Filosofia Clínica, é possível apontar esse movimento de retomada ao exercício da filosofia. Considerando a filosofia como a busca da sabedoria em benefício da humanidade, como uma reflexão sobre os problemas que a realidade nos apresenta, um pensar sobre si mesmo e sobre o mundo, uma avaliação e pesquisa dos processos de construção do saber, verificando que a Filosofia Clínica destina-se a tal reflexão e busca, é possível identificá-la com o exercício do próprio filosofar e, portanto, por princípio, terapêutica.

Assim como na filosofia, o exercício se dá no diálogo, muitas vezes envolvidos em processos e problemas cotidianos, esquecesse-se dessa capacidade inerente à própria vida, a reflexão. Nesses momentos, naturalmente, percebe-se a unidade da qual toda ser humano é parte e que nós existenciais faz parte da condição humana.

Para tais situações o filósofo clínico é um profissional que possui instrumentos para partilhar tais dificuldades, para oferecer esse auxílio de maneira apropriada ao modo de ser, pensar e agir de cada um de nós. Um olhar singular que permite compreender que se trata apenas de um modo de ser diferente nem melhor, nem pior, simplesmente o que se é diante de diversas possibilidades de ser.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AIUB, Monica. **Para entender filosofia clínica: o apaixonante exercício do filosofar**. 2. Ed.- Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.
- . **Filosofia Clínica e Educação: a atuação do filósofo clínico no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2005.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13ª ed. – São Paulo: Editora Ática, 2004.
- GOYA, Will. **A Escuta e o silêncio: lições do diálogo na filosofia clínica**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2008.
- GUIMARÃES, Rosa. **Grande Sertão Veredas**. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- GUSDORF, Georges. **Mito e Metafísica**. Trad. Hugo di Primio Paz – São Paulo: Convívio, 1979.
- HEIDEGGER, Martin. **Que é isto – a Filosofia? Identidade e Diferença**. São Paulo, Editora Vozes, 2006.
- JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo, Editora Pensamento-Cultrix, 1965.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PACKTER, Lúcio **Cadernos de Especialização em Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Instituto Packter. s/d.
- . **Filosofia Clínica: propedêutica**. Florianópolis: Garapuvu, 2001.
- . **Cadernos de Filosofia Clínica**. Porto Alegre: Instituto Packter, s/d.
- . **Filosofia Clínica: A filosofia no hospital e no consultório**. São Paulo: Editora Allprint, 2008.
- . **Ana e Dr. Finkelstein**. Florianópolis: Garapuvu, 2003.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia**, volume 1,2 e 3 - 4ª Edição, São Paulo: Paulus, 2006.
- MONTAIGNE, Michel Eyquem. **Os Ensaios** – Livro I, Martins Editora, 2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Ed Unesp, 2005.

FILOSOFIA, CIÊNCIA E VIDA, **Filosofia Clínica**, São Paulo, Editora Escala, Ano I, nº 4. Edição Especial.

FILOSOFIA, CIÊNCIA E VIDA, **De Kant a neurociência**, São Paulo, Editora Escala, Ano V, nº 52